

MALAMBADOCE

E- Magazine ^R

DOCE QUE NEM BEIJO NA BOCA

Publicação Virtual
de Arte e Cultura
Belém-Pará
Brasil

PERFIL

MELL MELLO

Jorge

Moraes

Marcelo

Fróes

O Eclipse

Walter Peixoto

LAURA DUQUE

FRANCINETI CARVALHO

Noêmia Nessin Brito

NINA COSTA

**A construção
histórica da
idéia de raça**

ensaio poético

FLOR do LÁCIO.



DOCE QUE NEM BEIJO NA BOCA

ACESSE

www.malambadoce.com.br

A TRINDADE NO HOMEM

3 coisas penosas de ouvir:
a maldição, a blasfêmia e a má notícia;

3 coisas agradáveis de ouvir:
a benção, o incentivo e a boa notícia.

3 olhares são maus:
o olhar do adúltero, o olhar do ladrão
e o olhar do avaro.

3 coisas são agradáveis de ver:
a visão do pudor, a da franqueza e
a visão da generosidade.

3 odores são maus:
o odor do ar corrompido, o do vento
pesado, o odor dos venenos;

3 odores são bons:
o odor das especiarias, o das festas
e o odor dos perfumes.

3 coisas são males para a língua:
o falatório, a calúnia e a hipocrisia;

3 coisas são boas para a língua:
o silêncio, a reserva e a sinceridade

3 órgãos

estão no poder do homem

as mãos, os pés e os lábios,

3 órgãos

não estão no poder do homem

os olhos, as orelhas e o nariz.

HERMES TRIMEGISTO

SILENCIAR



Silencio.

Joia preciosa inegociável

Encrustada e aprovisionada emoção

Como uma gema guardada em bela caixa.

Silencio

Como a não ter o que dizer ou a quem contar.

Mistério delicioso da alma encantada no olhar.

Os olhos balbuciam o encontro.

Num átimo tudo acontece ali.

Silencio.

Ante as madrugadas evocadas.

Ante a Aurora sonhadora

Ante a razão acatada pelo sol.

Silencio.

E tudo se realiza na palavra,

E a forma que toma a partir daí,

Quando acendes as manhãs...

Silencio.

Ao sorriso que faz o dia e aos outros as fantasia...

À mão que se deixa tocar.

A maciez que o toque me presenteia

Silencio.

À exibição da tua grandeza nos mínimos detalhes.

artur ghuma

MALAMBADOCE

EDITORIAL

Publicação Virtual
de Arte e Cultura
Belém-Pará
Brasil

MALAMBADOCE é um E – MAGAZINE
voltado para a Literatura e Cultura em Geral.
Pretende circular no universo poético do Recanto
das Letras, e é direcionado para este público que
por lá circula. Homenagens, notícias, novidades,
entrevistas, tudo muito colorido e agradável
como este tipo de mídia requer.
A intenção é promover o talento

Expediente:

Editoração:

ZOHAR TV

Textos:

Recanto das Letras

Fotos:

Sthel Braga

Maria Pereyra

Net

Modelos:

Marcela Bitencourt

Yasmin Barreto

Reportagens e Pesquisas

Artur Ghuma

Designers Gráfico:

Arthur Ghuma

Maria Pereyra

Colaboradores(RL)

***Mell Mello *Marcelo Froes**

***Ana Ferreira(Flor do Lácio)**

***Nina Costa *Jorge Moraes**

***Laura Duque * Noêmia Brito**

*** Francineti Carvalho**

***Walter Peixoto* Maria Pereyra ***

Mimosa menina cheia de vaidades
Como sempre faz, perfumou-se
E linda que é, sorriu...
Agora sim!
Poderia exibir sorridente
Todas as belezas que dispõe.

Cada palavra um toque aquém da alma
A poesia como o espírito das letras...
Amar com poesia e espírito
Ao toque das palavras.
Do sedoso cabelo jogado para trás.
Ao corpo manifestado em versos sentidos.



PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS
Web-Designer*Publicidade*Negócios
Produção de DVD/Vídeos/Audios

Diretor de Criação
Editor Responsável
Artur Ghuma/Maria Pereyra



No verbete da desciclopédia
Recantista é um ser babaca,
Meloso
Deve ser de fato...(se é assim eu sou)
Afinal seus dedos não se movem em pornografia barata
Nem linguagem chula.
Melhor mesmo assumir de vez,
Essa ilusão da paz que temos
E mesmo não sendo anjos,
Pregamos.
Triste do tempo,
Em que arte torna o mundo pior,
Perde-se uma geração,
Ignorante voluntária,
De que a beleza está no dom, é claro
Mas não apenas nele,
Habita outros recantos,
O sonho simples, a boa vontade.
E vamos nós, enfrentando sem armas
Essa epidemia mundial de superficialidade
Multiplicadas pelas ironias que rendem pontos no IBOPE
E contratos milionários
Sem pânico,
Alguém te lê
De repente o médico descobre que aprende com a poesia da
doméstica
Eles se tornam irmãos
Ninguém mais precisa saber, pois eles sabem
Um elo se forma...uma corrente
Em algum lugar alguém acende uma vela
As orações seguem em muitas crenças
Resta esperança,
Mas isso não sei como define a desciclopédia.

Marcelo Fróes

Tentar entender o todo, conhecendo apenas partes. Unir fragmentos. É esta a minha proposta no Recanto. Cada poema, frase ou texto, embora não tenham a graça e a técnica de uma grande literatura, contém pedaços da minha vida, do que vejo e sinto, de como interajo com o mundo à minha volta e com o mundo que recrio internamente. Existem revelações, mas também segredos. Meu desejo é de que as pessoas visitem minha página e possam ir me reconhecendo um pouco no meio do que escrevo. Não divulguei a página para meus familiares pois acho que existem certos rótulos e mitos que não devemos derrubar (rs). Acho que a maioria nem sabe que escrevo algo além de epitáfios. Mas aqui estou, compartilhando com pessoas que vão me conhecendo aos poucos e acendendo lanternas no meu caminho. É uma literatura para amizade, com gente de todos os cantos do planeta. E se um pouco de melancolia ajuda na expressão dos sentimentos em palavras, é na beleza da vida que encontro uma alegria perene e uma felicidade verdadeira, pois habito igualmente na sombra e na luz, como todo ser humano. Por isso convido-os a entrar, a ceia está servida com o que tenho de melhor, a porta sempre aberta e como todo anfitrião, fico feliz com os comentários, como todo aprendiz, ansioso pelas críticas. Mas o que mais quero é poder servir...

Quem sou?

Na verdade , não sei até onde vai a verdade de quem sou e começa o imaginário de quem penso ser , ou quero ser.

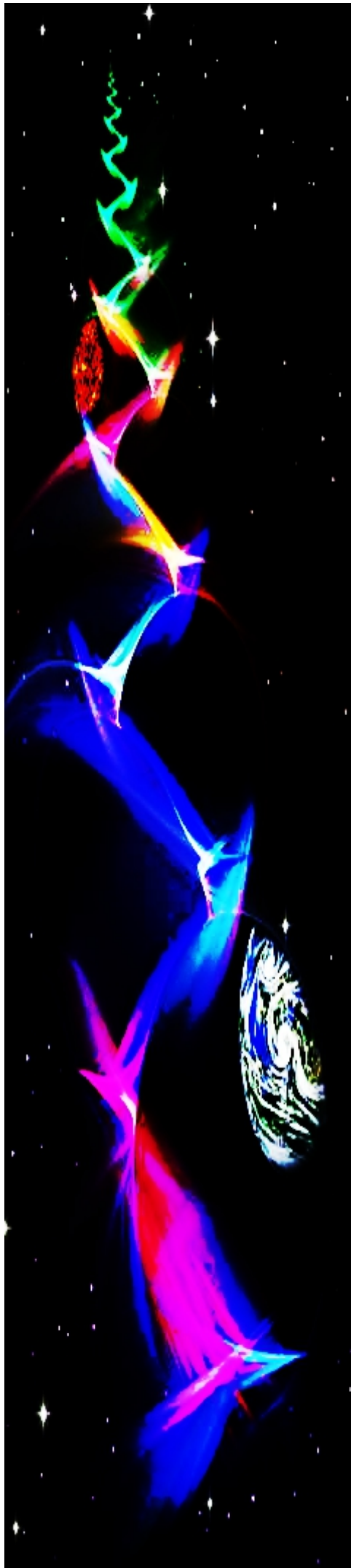
Quem tem como instrumento palavras e sentimentos , tem nas mãos e na imaginação, a delícia e o delírio de abstrair é um deixar levar -se constante , que muitas vezes ultrapassa em muito , o que realmente somos com ações , para atingir pólos e picos altíssimos que só alcançamos nas intenções, mas, este clima híbrido é tao propício quanto contagioso é vertiginoso, altivo, puríssimo de prazer interior, mistérios que nunca se decifram totalmente, e por isso tão desejáveis ...

A poesia é meu amante incansável! É meu parceiro de alcovas secretas, de romances açucarados, de surpresas de tirar o ar e o chão, de aventuras, de Kama Sutra existencial, de cavalos alados, e nuvens de algodão.

A fidelidade entre nós é um tratado de paixão , sem nunca dizer Não ao que meu coração sente no momento, sem cobranças nem conflitos, é em mim um amor tão bonito de pura entrega e doação.

Quando aqui estou , deixo de ser uma única mulher, para ser tantas e todas cabíveis no texto, descabidas de contexto multi direcionadas com as mil faces escancaradas pro tapa e pro beijo, com a pele permeável à suores e sensibilidades que abraço de cada um que leio, e por onde escaneio minha essência e fragância sem medo de julgamentos e advertências.

É minha hora sagrada de verter e absorver sentimentos, às vezes, em doses homeopáticas, gotas fantásticas de cura, saúde e paz, outras vezes em total voracidade, engasgando, exorcizando , acordando fantasmas atormentados querendo saber da cor e sabor do veneno, do pecado, acessando o avesso do meu próprio paraíso ...



PERFIL

Ao escrever procuro a verdadeira voz que me habita, a que não se preocupa com o espelho, com a dieta, com a pele, com a estética, nem mesmo com a assombração da imbatível : celulite!

Escrever é como comer uma barra inteira e imensa de chocolate suíço sem culpa!

É um degustar imperioso, majestoso, um teor de satisfação de 5000 cal Sinceramente , nunca me preocupo, com números de leituras, ou comentários quero sim a troca de sensações, de emoções, com quem, naturalmente, crio um vínculo de afinidades e admiração poética, pessoas que muitas vezes sem saber, me fazem o coração expandir, vulcânicamente explodir em chamas, que me chamam a sorrir.

Nunca pensei em ganhar dinheiro, nem buscar sucesso através do que escrevo, porque pra mim é pura DOAÇÃO!é exercício de desapego, anti vaidade, anti egoísmo, onde a maior beneficiada sou eu mesma, pois acredito em cada emoção criada, como um filho amado que finalmente esta pronto pra descobrir e desfrutar de outros mundos, outras mentes, de repente...

Agradeço à Deus pelo dom de poder brincar intimamente com as palavras, e seus efeitos. Peço que nunca me deixe passar despercebida pelas belezas e manifestações por Ele deixadas em nosso caminho. Peço que sempre seja fartamente alimentada pelo AMOR, banquete de desfrute incessante e inebriante, e que sempre possa brindar à vida, com o vinho santificado, da poesia curtida por longo tempo no tonel emotivo do meu coração ...

MELL MELLO

MELL MELLO

Venha descascar meus véus .

Venha descascar meus véus
um à um, desvendando a nudez
de minhas palavras encobertas
perfumes exalarão aos poucos no ar
delícias à te enfeitiçar
te fazer aventurar

Venha desmanchar meus véus
camadas revelando novas estradas
caminhos pontilhados de afinidades
em campos amplos de sensualidades
nada posso dizer do que te espera
são segredos vapores de primavera ...
poléns que só um beija flor
pode degustar
doce delírio de quem sabe voar

Venha despir meus véus cores,
sabores , tambores ao longe ecoarão
saudando seus olhos e mãos
em aproximação ...tentação ...
miragens, milagres, líquidos sagrados
suores, vertigens, passagens,
coragens, viagens !!!

PERFIL

MEU CORPO, UM POMAR

MEU CORPO , UM POMAR
plantado na terra fértil de um
repleto desejar, polpas doces
sucos concentrados
tenros sumos de prazer
jeito da nossa natureza
se desenvolver.

Dos lábios brotam beijos em cachos
fermentados na saliva
provocada pelo pensar em ti,
desenfreado ...
Uvas amassadas no leito
vinho tinto no peito
terra santa de colheitas manuais...
frutos fecundos com a textura
do melhor do nosso mundo ...
safra da estação
clima de excitação
chuva de palavras de verão
versos adubados
verbos brotados ...

No cansado do depois ,
entre safra de nos dois
novas sementes serão
espalhadas na cama úmida
de corpos suados
sedes saciadas
planícies irrigadas
gozadas, alagadas
novos frutos banhados pelo sol
Nosso desejo girassol!

PERFIL

É princípio do meu sim,



Estrela de sorriso de pratano céu
da tua boca o beijo arde como cometa
o mistério te envolve em cama escura
e lá mora tua ventura ...

Tens brilho de candura e cântico
celestial, mas tens também, a malícia
que extasia meus recatos, teu fulgor
excita as penumbras deslizantes
deliciantes dos corpos amantes por
tua luz adornados, contornados.

Estrela de olhar insinuante, teu piscar
acorda o poema que meu corpo tenta
rimar : - nua e lua no mesmo versejar
teu brilho sedutor é fio de luz a levar
meus sonhos pra outro lugar,
teu cintilar abduz minha razão ,
e conduz meu prazer pros campos do
muito querer.

Estrela de pulsar latejante tens a
volúpia a te orbitar,
consegues capturar meu olhar
me impregnar de magia,
deixando minha imaginação em plena
orgia, alegria à copular com meu ar ...
És dama da noite, senhora do céu
menina ao léu, és única,
és constelação, és ínfima, és imensidão.

És o que quiseses ser , pois tua
emanação veio me render, me levar
absorta pra este céu de intenso e
imenso prazer. Me fazendo crer que
toda entrega é como preceouvida por
ti, em cada sussurro que nos entontece.
Teu brilho é chamamento, é beijo no
escuro é princípio do meu sim,
meu gozo enfim ...

MELL MELLO

meu gozo enfim.

Com a chegada do Natal e mudança de ano, julgamos de bom alvitre, fazermos algumas ilações a respeito de calendários. A contagem de tempo baseia-se nos movimentos aparentes do Sol e da Lua - para determinar as unidades do dia, mês e ano.

O dia nasceu do contraste entre a luz solar e a escuridão da noite.

A periodicidade das fases lunares gerou a idéia de mês. A repetição alternada das estações, que variavam de duas a seis, de acordo com os climas, deu origem ao conceito de ano.

Os anos lunares têm que ser regulados periodicamente, para que o início do ano corresponda sempre a uma lua nova. A fim de que os meses compreendessem números inteiros de dias, convencionou-se o emprego de períodos alternados de 29 e 30 dias. Mas como o mês lunar médio resultante é de 29 dias e 12 horas, isto é, mais curto 44 min e 2,8 seg que o sinódico, adicionou-se, a partir de certo tempo, um dia a cada trinta meses, com a finalidade de evitar uma derivação das fases lunares.

As origens do calendário Juliano remontam ao antigo Egito.

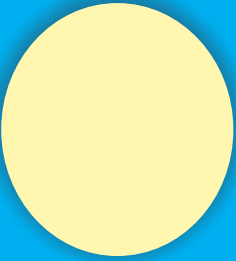
Foi estabelecido em Roma por Júlio César no ano 46 a.C.. Adotaram-se 365 dias, divididos em 12 meses de 29, 30 ou 31 dias. A diferença do calendário egípcio está na introdução dos anos bissextos de 366 dias a cada quatro anos. O esquema foi reformulado para que o mês de agosto, nomeado em honra ao imperador Augusto, tivesse o mesmo número de dias que o mês de julho: homenagem a Júlio César.

Com o passar dos anos se registra um adiantamento na data do equinócio da primavera. Caso fosse mantido o calendário Juliano, tê-lo-íamos em seis meses no início das estações.

Para evitar o problema, recomendou-se ao Papa Gregório XIII a correção.

O calendário Gregoriano demorou a ser aceito, principalmente em países não católicos. Inicialmente, foi adotado por Portugal, Espanha, Itália e Polônia. Nas nações protestantes da Alemanha o foi no decorrer do século XVII. No Egito e Japão entrou em vigor desde 1873.

Na China em 1912, no Brasil em 1582. Há países que não o aplicam: Israel, Iran, Índia, Bangladesh, Paquistão, Argélia. Na China a adoção foi tão problemática que até gerou o dia 30 de fevereiro.



“AMANHÃ MUDA A LUA, TALVEZ A PORCA DÊ CRIA”



Jorge Moraes

O calendário Gregoriano, usado na maior parte do mundo, compreende 365 dias, mas a cada quatro anos há um ano de 366 dias, o chamado ano bissexto, em que o mês de fevereiro passa a ter 29 dias.

São bissextos os anos cujo milésimo é divisível por quatro, com exceção dos anos de fim de século cujo milésimo não seja divisível por 400. No calendário Gregoriano os anos começam a ser contados a partir do nascimento de Jesus Cristo, em função da data calculada, no ano 525 da era cristã. E é mais provável que Jesus Cristo tenha nascido quatro ou cinco anos antes, no ano 749 da fundação de Roma, e não no 753. Para a moderna historiografia, o fundador do cristianismo teria na verdade nascido no ano 4 a.C.

O calendário Gregoriano distingue-se do Juliano porque: Omitiram-se dez dias (de 5 a 14 de Outubro de 1582). Corrigiu-se a medição do ano solar, estimando-se que este durava 365 dias solares, 5 h, 49 min e 12 seg.

Acostumou-se a começar cada ano novo em 1 de Janeiro. No Império Romano, a astrologia acabou introduzindo, no uso popular, a semana de sete dias (septimana, isto é, sete manhãs, de origem babilônica). Os nomes orientais foram substituídos pelos latinos, do Sol, da Lua e de deuses equiparados aos babilônicos. Com o cristianismo, o nome do dia do Sol passou de Solis dies a Dominica (dia do Senhor, Dominus) e o Saturni dies (dia de Saturno) foi substituído por Sabbatum, dia do descanso (santificado). O português adotou a nomenclatura do latim litúrgico cristão, que designou os dias por sua sucessão ordinal.

Para perfazer esses 365 ou 366 dias, seis meses alternados teriam 31 dias (março, maio, julho, setembro, novembro e janeiro) e os outros teriam 30 dias (abril, junho, "sextilis", outubro e dezembro), à exceção de fevereiro, na época o último mês do ano, para o qual só restaram 29 dias (e 30 dias nos anos bissextos, os anos de 366 dias), tinha 31 dias, resolveu-se igualar o número de dias de agosto, subtraindo 1 dia de fevereiro, que ficou com 28 ou 29 dias, e se alterou a sequência dos meses de 31 dias (outubro e dezembro teriam 31

Continuação...

dias, no lugar de setembro e novembro). O mês de março era o primeiro mês do ano. Observe, a esse propósito, que SETembro era o sétimo mês. Só mais tarde o mês de janeiro mês do início do mandato dos cônsules romanos passou a ser o primeiro e não o décimo-primeiro mês do ano. Isso definiu as atuais regras dos meses com 31 dias (janeiro, março, maio, julho, agosto, outubro e dezembro), com 30 dias (abril, junho, setembro e novembro) e com 28 ou 29 dias (fevereiro).

A origem do nome dos meses – Janeiro, homenagem a Janus, deus de duas caras. Fevereiro, homenagem a Februa, deusa das purificações e dos sacrifícios.

Março, homenagem a Marte, deus da guerra. Abril, de origem contraditória, sobressaindo a referência ao "abrir" (germinar) das sementes. Maio, também de origem polêmica, ora associado à magistratura, ora associado à deusa Maia. Junho, associado a Junius, antigo mês consagrado aos jovens. Julho, homenagem a Júlio César. Agosto, homenagem a César Augusto.

Diferentemente da crença popular, o nome "bissexto" não teve origem no fato de anos bissextos contarem 366 dias. A explicação é que o dia complementar seria colocado entre o sétimo e o sexto dia anteriores às "calendas de março" (isto é, entre 23 e 24 de fevereiro - mês que na época tinha 29 dias, normalmente), o que fez denominá-lo "bissexto calendas" (em outras palavras, dois "sextos dias" antes de março).

Os registros de datas, como conhecidos hoje, somente foram organizados a partir do Concílio de Nicéia, à época do Papa Silvestre I (foi ele que inspirou o

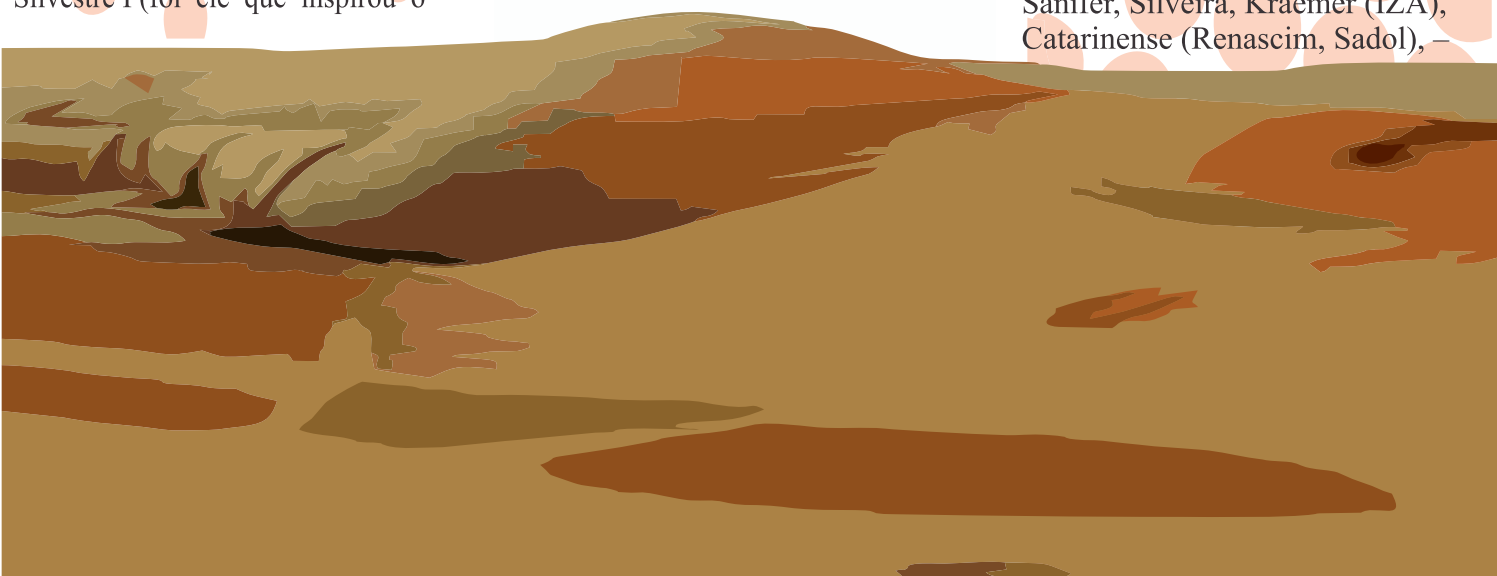
Jorge Moraes

“AMANHÃ MUDA A LUA, TALVEZ A PORCA DÊ CRIA”

nome da Corrida de São Silvestre e, nas folhinhas, é ele o santo do dia 31 de dezembro), inclusive no que diz respeito ao dia de Natal e ao domingo de Páscoa. E já que aludimos às “folhinhas”, lembram como eram? Outrora, pequenos estabelecimentos comerciais: armazinhos, bazares, ferragens, armazéns, funerárias, padarias, oficinas de conserto de eletrodomésticos, expressavam tradicionais votos natalinos e de novo ano através de calendários, habitualmente pendurados num preguinho nas portas de madeira da copa ou da cozinha, com doze folhas retangulares, em média 30 por 40 cm. Predominavam, nas ilustrações, imagens religiosas, paisagens bucólicas, jardins, castelos, animais (gatos, cães, coelhos, cavalos, peixes), crianças, casais de idosos, acervo gauchesco. As estampas eram aproveitadas, no ano seguinte, nas salas de aula, como

material didático. Ao pé, numa quadricula, apareciam os dias, observações e recomendações. Tão logo tínhamos às mãos as esperadas relíquias, marcávamos o dia semana em que ocorreriam os aniversários e acontecimentos festivos.

Ao longo do ano, permitiam-nos identificar o “Santo do Dia”, tomar ciência das fases da Lua fundamentais ao corte de cabelo, à plantação, aos animais “chegadinhos a dar cria”, (galinhas, porcos, vacas) e a mulheres ao final da gestação. Alguns exemplares expunham mensagens espirituais ou citações de pensadores consagrados. Nas firmas comerciais, escritórios, tínhamos os calendários de mesa. Nas borracharias e em algumas oficinas mecânicas, a divulgar óleos, pneus e peças, fotos de sedutoras mulheres em vestes sumárias ou desnudas constrangiam o ingresso de respeitáveis e pudicas senhoras. Calendários e agendas, publicados por instituições religiosas, dentre elas as das Irmãs Paulinas, tinham expressiva aceitação nos lares católicos. Coleccionava-se o Almanaque do Pensamento. Custos operacionais reduziram as folhinhas, inicialmente, a três estampas, e daí limitou-se a uma, com ou sem imagem. Alega-se que os números maiores favorecem a visualização. Afirmam os mais velhos que nas folhinhas de hoje o tempo passa mais depressa. As farmácias e drogarias divulgavam produtos farmacêuticos através de pequenos almanaques. Conservamos ainda, testemunhando a história, registros dos laboratórios Sanifer, Silveira, Kraemer (IZA), Catarinense (Renascim, Sadol), —



Continuação...

com a tradicional carta enigmática - Fontoura, Inkas, Flora da Índia, Klein. Posteriormente, surgiram os pequenos calendários a serem guardados nas carteiras de documentos, facilitando a consulta.

Poucos são os estabelecimentos que ainda investem em folhinhas. Raros os laboratórios que nos brindam com calendários. Algumas empresas de grande porte presenteiam clientes preferenciais, com luxuosas agendas.

É inevitável, já que as mudanças são constantes, que também nossos registros tivessem uma nova face.

Entretanto, parece-nos que, mesmo com a praticidade dos novos calendários, inclusive virtuais, com o desaparecimento das "folhinhas", eneceram dias de lembranças e de lirismo.

Jorge Moraes

Natural de Rosário do Sul/RS; Cidadão pelotense. Professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Membro das Academias Sul-Brasileira de Letras e Pelotense de Letras.

Autor dos livros

*de poesia:

- UM POUCO DE NÓS -
- ACALANTOS -
- QUANDO OS SONHOS GANHAM ASAS -

*didáticos:

- DIVERSOS -

Autor de: "TÓPICOS LINGÜÍSTICOS"

No prelo: "ANTOLOGIA POÉTICA"

"CANTOS DO ENTARDECER"

jorgemoraes_pel@hotmail.com

O Eclipse



O telejornal da oito repetiu o que já havia saído em todos os jornais locais. Aliás não se fala em outra coisa na cidade, nos últimos dias. Qualquer roda de amigos, no comércio, noticiários, esse era o principal assunto: Em breve, por ocasião do eclipse solar, previsto para alguns dias, o mundo iria acabar. A maioria da população, principalmente os mais sujeitos à influência de outros, está tensa. Há os mais céticos que debocham dos demais, os que se aproveitam da situação e ainda os que procuram uma nova definição para o fim do mundo.

Durante esse eclipse, segundo alguns astrólogos e astrônomos, os astros estariam posicionados de determinada forma que afetaria os seres vivos aqui na terra, por influência magnética e outras tantas suposições que se formulou em torno deste episódio. Não apenas os profissionais desta área, mas também os leigos, cada um tinha na ponta da língua a sua previsão para o que estava para acontecer; e cada um que ouvia, associava essa nova versão à sua própria, originando uma nova que era repassada pra frente.

A essa altura, tamanha era a confusão orlada em torno deste fato que a vida das pessoas havia virado um caos. A relação entre as pessoas, mesmo entre as de uma mesma família, era agora de forma diferenciada. Algumas, mais unidas aguardando o grande momento da redenção, com freqüentes reuniões em igrejas, orando, e ainda outras, que desesperadas por perderem a vida de um modo tão trágico, aproveitavam esse momento para fazer e dizer tudo o que não tinham coragem de fazer ou dizer antes; o mundo iria acabar mesmo! Na cidade o que se via, era gente correndo, arrumando malas e viajando não se sabe pra onde, de forma desordenada

continua...

Walter Peixoto

Sou uma pessoa que gosta de ler, qualquer estilo, mas tenho predileção por contos.

Comecei a escrever há quatorze anos e parei há dez. Recentemente voltei a escrever e resolvi compartilhar, publicando aqui meus contos. Muito do escrevi antes foi deletado, mas o que sobrou, vou colocar aqui; vou começar por eles.

O Eclipse

Walter Peixoto



e incoerentes com sua imaginação, pois o mundo se acabou, tanto faz aqui ou do outro lado do mundo. Para muitos o céu irá desabar sobre nossas cabeças, partindo a Terra em pedaços, não sobrando nenhum ser vivo pra contar a história.

Segundo os mais religiosos, a Terra pegará fogo, devastando tudo pela frente, momento este em que Deus descera sobre a Terra e separará as almas santas das pecadoras, levando consigo aquelas e deixando essas arderem até a morte. Em seguida, com o forte calor derretendo as calotas polares tudo se inundaria apagando o fogo. Com o tempo e formação de novas geleiras, um novo ciclo de vida se formará.

E há os que acreditam que tudo isso é bobagem, que na verdade tudo isso são suposições infundadas. E que o que estaria para acontecer seria outro tipo de transformação, o início de uma ova era, uma renovação de conceitos e forma de se viver. Haverá uma nova ordem política e social na Terra. Quem viver para essa nova fase, terá a paz e a felicidade pelo resto da vida; quem não concordar com ela, sucumbirá. Tudo isso de forma rápida, com os opressores sendo dominados e subjugados ao novo poder. E, dentro de cada grupo desses há facções, com suas idéias diferenciadas, ou mesmo associadas às idéias de outros grupos. Diante deste quadro, misturando todas essas pessoas, cada um querendo impor seu ponto de vista, o caos esta formado. Muitos já não compareciam aos seus empregos, atrasando o andamento de suas funções e prejudicando outras pessoas que dependem daqueles serviços. Nos jornais daquela pequena cidade já se tornara comum relatos sobre

pessoas que procuravam tirar satisfação e resolver suas diferenças como último ato de suas vidas, ocasionando brigas e mortes. Nesse dia o relato principal era o de um jovem que atirou em outro para receber uma dívida antes do final do mundo, pra gastar não sei onde, pois o devedor não achava necessário pagar, já que tudo iria acabar mesmo.

No comércio local, o movimento que até a poucos dias estava em queda, repentinamente houve um aquecimento nas vendas, onde as pessoas compravam de tudo, e na maioria dos casos, com pagamento a prazo pra depois da data em questão. Muitos dos comerciantes, por precaução, resolveram fechar suas portas temporariamente, até passar essa data sinistra e as pessoas caírem em si, ocasionando desabastecimento de mercadorias. Nos Bancos, o que se vê são pessoas sacando suas aplicações e levando esses valores para casa, facilitando a ação de marginais, que nunca tiveram dias melhores para seus negócios. Na véspera do dia anunciado, nas ruas daquela cidade, apenas se via um ou outro mais despreocupado com o fim anunciado.

Estava aquele marasmo, como em dia de feriado prolongado, ou final de copa do mundo. Nas delegacias e nos hospitais aumentou o tráfego de notícias como assassinatos e suicídios.

Continuação...

Continuação...

Walter Peixoto

QUARTZ

O Eclipse

A expectativa era enorme. Amanhece o dia. O início do eclipse está previsto para as dez horas e doze minutos da manhã. Nove horas. Vê-se apenas um ou outro mais ousado nas janelas das casas. Alguns, menos supersticiosos, se preparam na praça, com lupas e telescópios para melhor observarem o fenômeno. Nas igrejas, cantos e orações. No quartel do corpo de bombeiros, a sirene não parou de tocar desde a véspera, com seus bravos integrantes, socorrendo vítimas de acidentes de trânsito, ou mesmo resgatando pessoas ameaçando se jogarem do alto dos prédios. O comércio todo fechado. Na central telefônica instalou-se o caos. Todos se ligando para as despedidas, causando sobrecarga nas linhas. Dez horas. A tensão aumenta. Muitos choram desesperados. Dez horas e doze minutos. A lua começa a se interpor entre o sol e a terra, impedindo lenta e gradativamente a passagem dos raios solares. As aves se recolhem, numa algazarra total. Alguns minutos depois, a escuridão. O desespero toma conta de muitos. Ouve-se gritos, choros, cantos e orações. Na praça central, os mais curiosos e mais céticos observam, emocionados por presenciarem aquele momento único em suas vidas. Nas casas e nas igrejas, a maioria aguarda o momento final. Tensos, se olham com olhos arregalados. Neste momento, não se ouve outro som a não ser os vindos das diversas igrejas. Ninguém se mexe.

O tempo passa vagarosamente. São os dois minutos e quinze segundos mais longos de suas vidas. Aos poucos a luz do sol começa a voltar, e a cada segundo com mais intensidade, até atingir a luminosidade normal. As pessoas se olham embasbacadas, sem entenderem. Olham para fora e vêem os pretensos astrônomos sorrindo e se explicando o eclipse. Nas igrejas, os cantos e orações continuam por mais de uma hora, em agradecimento por Deus ter atendido suas preces. As pessoas voltam às ruas. O trânsito se normaliza. O comércio abre suas portas, voltando aos poucos o movimento habitual. Muitos dos patrões aceitam as desculpas esfarrapadas de seus funcionários, que chegam com um sorriso sem graça e forçado. Em algumas casas, o choro das recém-viúvas daqueles que não aguentaram a pressão; em outras, a indignação daqueles que foram roubados, por haverem sacado todas as suas economias do banco. Num canteiro da praça, aquele farmacêutico, comumente todo respeitoso, caído totalmente bêbado e vestido de Carmem Miranda tenta se levantar, olhando para o céu. Aos poucos tudo vai se normalizando. No corpo de bombeiros, na delegacia e nos hospitais volta a reinar a paz costumeira. Ao final do dia tudo parece normal, como um dia qualquer do ano. Fala-se no eclipse como um fato inusitado mas de forma natural. E assim seguem-se os dias, normais, a cada dia falando-se menos daquele eclipse e no vexame de muitos, até cair no esquecimento, ficando assim até surgir um novo eclipse no céu, evidenciado pela mídia.



O agora é absoluto.
Quartz como olho d'água
Meigos, doces e líquidos.
Olhos que conhecem os meus
Como se estivessem na mesma face
Minha alma conhece esta alma
Quartz como olho zen, um sol zen,
Lisérgico como olho líquido.
Como as pedras a flutuarem n'água
Os corpos de carne e alma tremem
A se quererem...
Ricas e silenciosas sensação
Instantânea, elétrica, viva.

Artur Ghuma

CARTA

Por saber deixei um rastro de títulos.
Muito mais para que soubesse o sabor de saber-se.
Sim, eu sei... Facetas e fragmentos.
Saberes dos sabores sabidos.

Como um beijo com gosto de manga na boca.
Saborear a efusão mágica no entorno
Tântrico sentir a engolir o próprio gozo.

Deixar os saberes e sabores ali na fruteira
Ao alcance da alma, quiçá do corpo com fome.

O sabor do saber e o mistério no silencio.



SABERES SABIDOS

OS SABORES DOS SABERES

Francinetei Carvalho

MEUS SENTIDOS

Meus sentidos

Teu cheiro permanece em mim
teu gosto no meu paladar
em todos os meus sentidos
os teus sinais a imperar....

moras nos meus sonhos
inspiras meu versar
desejo os teus beijos
ao amanhecer e antes de deitar...

estou ligada em você
com a mesma força que a lua
deseja o mar.

Reflexão

in memoriam

Quem poderá definir o sol em pleno verão?
O lírio nascendo no pântano, quanta emoção
O viajor em noite escura
Sentindo a desventura em sua solidão.

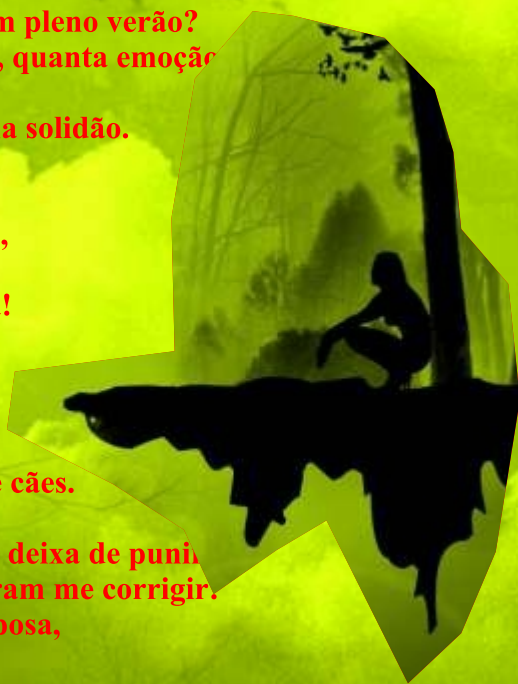
O vento trazendo a chuva
Que beneficia a humanidade,
As flores, à noite, o dia,
Meu Deus, quanta harmonia!

Enquanto os homens lá fora
Ferem-se como leões,
Esquecem o amor divino,
Agem como meninos, gatos e cães.

A lei de causa e efeito jamais deixa de punir,
Por isso digo sem jeito, queiram me corrigir.
Sou mulher, sou mãe, sou esposa,
Também sou a raposa,
Querendo um lugar no céu.
Que chora, ama e perdoa,
Que vibra, canta e anseia.

Sou como aranha na teia,
Querendo me libertar.
Sou como a borboleta,
Que sempre vive a voar.

Noêmia
Nessin
Brito





ensaio poético

F
L
O
R
D
O

L
Á
C
I
O

Eterno aprendiz: de mim própria,
das letras, das pessoas, da vida,
do universo, dos sentimentos...
Entre o sonho e a realidade da
vida gosto de brincar com as
palavras e, com elas, fazer versos...
E se escrevo é porque sinto...
E se sinto é porque amo... Amo o
que sinto e escrevo... E assim
vou preenchendo as horas dos
meus dias, tentando entender
emoções, exorcizando mágoas,
traçando rotas de esperança,
tentando captar e transmitir
através das minhas palavras e
da minha lente a beleza e o
encantamento que a vida oferece.
Meus dois filhos, minha família,
amigos, aconchego, livros, música,
cinema, crianças, animais, flores,
campo, mar...
Tudo que amo!
Sou dedicada aos momentos que
desejam não passar despercebidos...
Sem veleidades, sem vaidades, sem
pretensões, apenas no terno embalo
da alma e pelo puro e indelével
prazer da escrita: eu sou a Ana,
nascida no dia 7 de Setembro de
1966, na bela e fria região de
Trás-os-Montes, no norte de
Portugal.

Ana Ferreira

Ana Flor do Lácio
entrevistada (em acróstico)
por Fábio Brandão

A.njo da Guarda Pessoal?
N.inguém pode tirar de você?
A.mor necessário?

F.rase de efeito preferida?
L.uta que nunca termina?
O. povo tem o governo que merece?
R. esponsabilidade intransferível?

D.eus tem linhas tortas ou perfeitas?
O. sonho que ainda não realizou?

L.embranças que o tempo não apaga?
A.migo mais chegado que um irmão?
C.oração bate mais forte por?
I.rresistível ao paladar?
O.brigado diria para quem?

A.njos tenho dois: os filhos que Deus
me deu, Alexandre e Ana Catarina.
N.inguém nunca tirará o amor, deles
e por eles, de dentro de mim.
A.mor ao próximo, amor sem fim!

F.açamos com amor tudo na vida.
L.utar sempre, incansavelmente,
pela paz.
O. povo passivo sempre merece um
governo não capaz.
R.esponsabilidade pessoal é
intransferível.

D.eus escreve perfeito por linhas
perfeitas no nosso coração.
O.ntem eu diria: ser feliz. Hoje digo:
envelhecer sem solidão.

L.indas e eternas lembranças:
o nascimento de meus dois filhos.
A.mizade é amor no coração: Amigo
é irmão, às vezes ainda mais!
C.arinho, amor, justiça, compreensão
solidariedade...
I.rresistível é o amor e... Chocolate!
O.brigada pela vida... Agradeço a
Deus e aos meus amados pais!



ensaio poético



BAILANDO COM O VENTO

Namorei o vento.
Juntos bailamos
na tempestade que fizemos.



No horizonte
o sol se escondeu...
Pintou poemas nos olhos
meus!

PINTANDO POEMAS

A woman with her hair in a bun, wearing a blue floral dress, is walking away from the camera on a path in a lush green field. The background is filled with dense green foliage and trees.

A VIDA EXPLODE EM MIM!

Hoje acordei
Com vontade de cuidar de mim.
Troquei minhas roupas, meu perfume,
Coisas que nunca usei,
Joguei fora tudo que é ruim.
Troquei as velhas dores
Por novas emoções.
Troquei os versos tristes
Por lindas e belas canções!
Sinto que não há limites para seguir,
Acredito no poder de concretizar,
Sinto a chama da vida meu coração
incendiar,
A vida dentro de mim explodir!
Não quero mais barreiras,
Medos e fronteiras,
A vida explode em mim!
Quero sempre mais,
E sempre me dou demais,
Num ímpeto sem fim!
Não me contento com talvez,
Com meio termo, com coisa pouca,
Com razão desta vez
Me chamarão de louca!
Viajo na velocidade da luz,
O tempo não mais existe,
Apenas me conduz!
Sinto pulsar meu coração,
Decidi ser toda paixão!

INFINITO

No azul transparente deste céu
desenho meu poema.
Estendo os braços para sentir o toque
dos dedos do infinito
e seu abraço eterno,
luz e solda minha existência.



Me visto de azul todas as manhãs
E na viagem que faço
Do céu até ao mar
E do mar até ao céu
Sinto-os tão meus!
Elevo-me nos braços
Que contornam o corpo
Quente que ofereço...
Respiro o azul com que amanheço,
A cor das ondas
Que vêm me envolver,
A cor do voo das gaivotas...
A cor desta emoção
Que não sei conter...

VISTO-ME DE AZUL TODAS AS MANHÃS



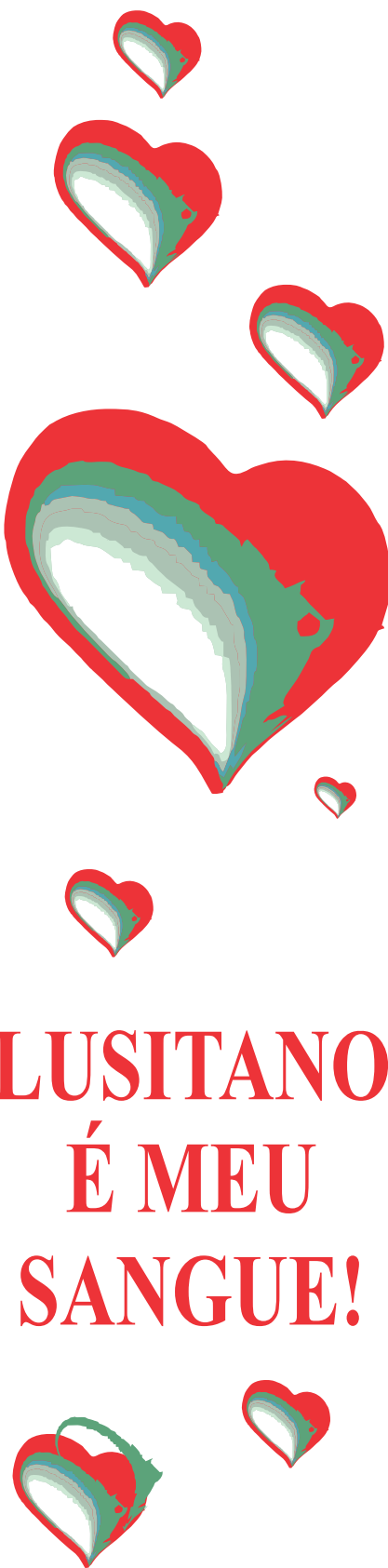
É VERMELHO
O SENTIR
DO POETA...

É vermelho o sentir do poeta
É feito de seiva e de paixão
É fogo cravado com seta
Que faz o sangue correr na sua mão.



LUSITANO
É MEU
SANGUE!

Nasci não por mero engano
No seio de uma terra bem definida
Em minhas veias:
Vermelho! Puro! Lusitano!
Corre o sangue que me dá vida!



Essa
tal
Poesia



Essa tal poesia dá razão à minha vida
Nela me entrego, toda e em pedaços
Tempera-me de sal, açúcar, harmonia...
Nela ato e desato meus nós e laços.
Com ela desabafo a tristeza e a alegria
Ela é seiva, sangue, suor e minha vida!

VOAR

Tenho um canto de ave
Aprisionado em mim,
E todas as manhãs,
Quando me vem acordar,
Me pede
Para voar!
Outras vezes, no silêncio,
Esconde o seu penar!
Como eu gostaria
De todo seu pranto
Poder acarinhar
Com o meu canto!
Ah, quem me dera
Saber cantar!
Poder a voz soltar!
Para a minha ave,
Poder, enfim,
Voar!



QUERO ACORDAR FACEIRA

Quero...
Acordar faceira
De mansinho,
Fazendo-te mil carinhos
Como gata matreira
Sorrateira
Fazendo dos teus braços
Meu ninho
Quero...
Na volúpia de um beijo
Beijar todo teu desejo,
Absorvê-lo
Guardá-lo em mim
Enquanto te envolvo
Em lençóis brancos de cetim
E te preparo
Para nosso matinal festim.
Quero...
prosseguir com esta loucura,
Gritar toda essa doçura
Que me vem de ti,
Pela manhã
Porque gritando eu mais me dou,
E, dando-me assim,
Eu sou,
Uma surpresa sem fim
Quero...
Sempre acordar
No teu abraço
Ser o doce alívio
Do teu cansaço
E todas as manhãs
Sem exceção
Acordar com o doce beijo
Do teu coração.

jardim
multicolor
jasmim
amor

perfumes
sabores
flores
amores

encanto
ilusão
deleite
paixão

aroma
hortelã
penetrante
manhã

sedutora
magia
encantadora
luz do dia

emoção
contagiante
profusão
esvoaçante

alfazema
florida
poema
alegria

natureza
serenidade
beleza
eternidade

JARDIM EM COR/FLOR

CRINAS AO VENTO



Minh' alma é alazão, cavalo selvagem
Galopa contente, em vales de sonhos,
É minha força, é segredo, é coragem,
É pena que escreve versos risonhos!

Ah! Quero ser livre, solta como vento!
Conheço bem suas carícias, sua voz,
Nada me prende e só o pensamento
Me leva em suas asas, meigo e veloz!

Nada me amarra à vasta plenitude,
Cá dentro guardo campos de sonhos
P' ra voar com o vento, em liberdade

E sentir no rosto todos os seus sopros.
No espaço sem fim, de crinas ao vento
Correm as sílabas do meu pensamento!

“É preciso viver, não apenas existir”



Esta frase chama minha atenção pelo quão real eu a sinto e pelo que me faz refletir.

Algumas pessoas vivem sem ter a noção de que realmente deveriam viver e não limitarem-se a existir. Cada dia de nossas vidas deveria ser vibrante e com um propósito, deveríamos viver como se cada dia fosse o último (na realidade não sabemos quando será) e isso faria toda a diferença. Daríamos o nosso melhor, amaríamos mais e ressentiríamos menos.

Há dias em que não estamos bem, em que não acordamos bem, mesmo assim deveríamos dar o nosso melhor, porque este dia não se repete, não teremos uma segunda oportunidade para estes minutos, segundos, por isso deveríamos encarar a vida de outra forma, e em vez de existir, deveríamos viver, porque só viver tem um propósito.

Algumas pessoas encaram a vida como se deixassem apenas passar por ela. Sem quererem mais, sem darem mais, sem nada fazerem de concreto para alcançar mais. Outras pessoas brincam com a vida (delas e doutras pessoas) e existem outras, ainda, que nem sequer brincam. Sentam-se à espera que ela passe.

Não compreendo as pessoas que não sentem o milagre da vida. Que não entendem que, quer queiramos quer não, passamos pelo tempo. Que hoje é o amanhã de ontem.

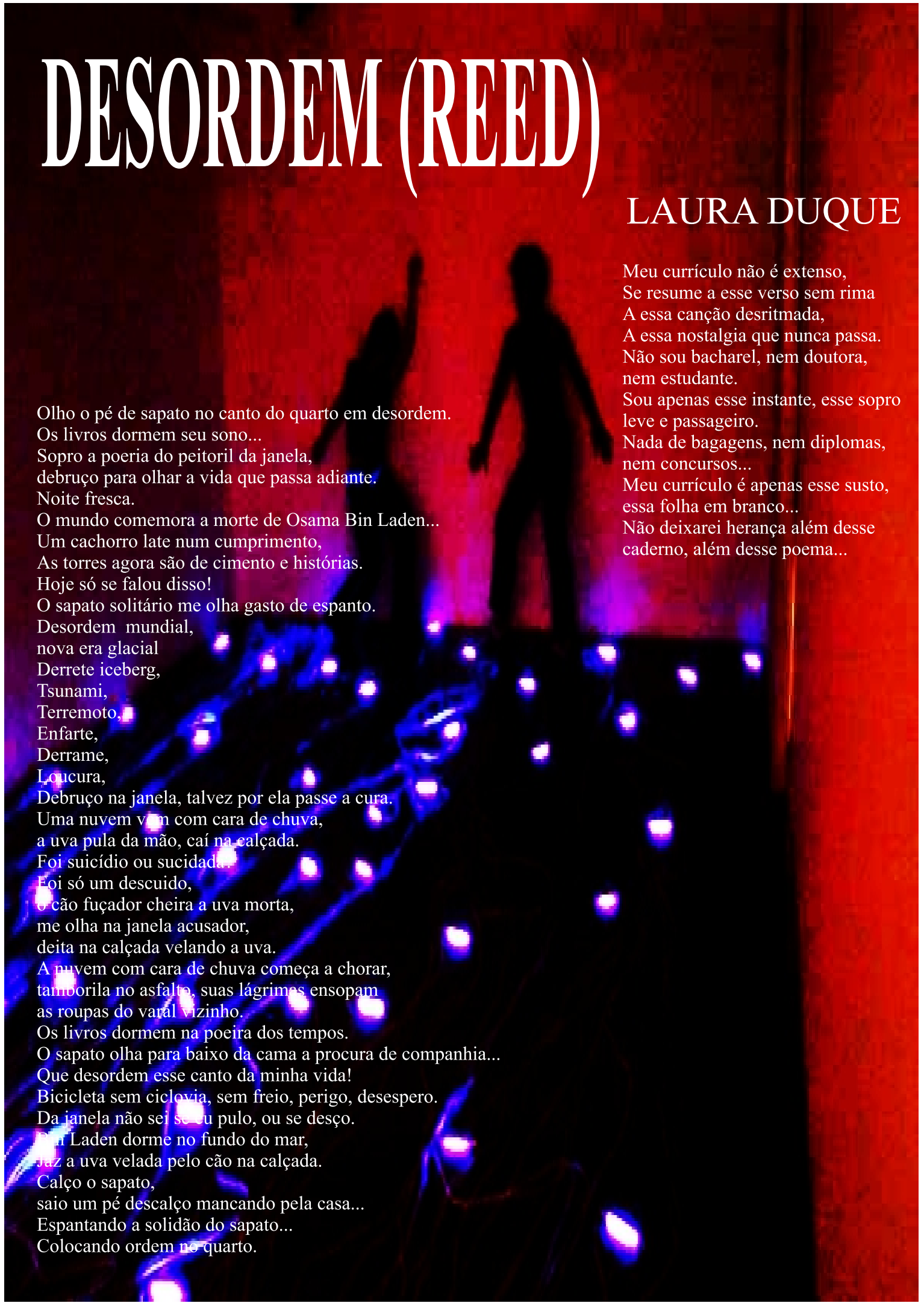
Que não vamos voltar atrás. Que não podemos desperdiçar tempo, sem oportunidades, nem vida.

É necessário abrir os olhos e perceber que as coisas boas estão dentro de nós, onde os sentimentos não precisam de motivos nem os desejos de razão.

“É preciso viver, não apenas existir”

DESORDEM (REED)

LAURA DUQUE



Olho o pé de sapato no canto do quarto em desordem.
Os livros dormem seu sono...
Sopro a poeria do peitoril da janela,
debruço para olhar a vida que passa adiante.
Noite fresca.
O mundo comemora a morte de Osama Bin Laden...
Um cachorro late num cumprimento,
As torres agora são de cimento e histórias.
Hoje só se falou disso!
O sapato solitário me olha gasto de espanto.
Desordem mundial,
nova era glacial
Derrete iceberg,
Tsunami,
Terremoto,
Enfarte,
Derrame,
Loucura,
Debruço na janela, talvez por ela passe a cura.
Uma nuvem vem com cara de chuva,
a uva pula da mão, caí na calçada.
Foi suicídio ou suicida...
Foi só um descuido,
O cão fuçador cheira a uva morta,
me olha na janela acusador,
deita na calçada velando a uva.
A nuvem com cara de chuva começa a chorar,
tamborila no asfalto, suas lágrimas ensopam
as roupas do varal vizinho.
Os livros dormem na poeira dos tempos.
O sapato olha para baixo da cama a procura de companhia...
Que desordem esse canto da minha vida!
Bicicleta sem ciclovia, sem freio, perigo, desespero.
Da janela não sei se eu pulo, ou se desço.
Bin Laden dorme no fundo do mar,
faz a uva velada pelo cão na calçada.
Calço o sapato,
saio um pé descalço mancando pela casa...
Espantando a solidão do sapato...
Colocando ordem no quarto.

Meu currículo não é extenso,
Se resume a esse verso sem rima
A essa canção desritmada,
A essa nostalgia que nunca passa.
Não sou bacharel, nem doutora,
nem estudante.
Sou apenas esse instante, esse sopro
leve e passageiro.
Nada de bagagens, nem diplomas,
nem concursos...
Meu currículo é apenas esse susto,
essa folha em branco...
Não deixarei herança além desse
caderno, além desse poema...



(IN)CULTA E BELA

Do Lácio, um dia chegaste, inculta e bela
E aportaste na lusitana praia ocidental
Ali foste amada, doce e linda donzela
E trazida, para esta linda terra tropical.

Aprendemos com a humildade de Camões,
Com Pessoa, Drummond, Guimarães e Assis.
Também com o nobre Vieira, nos sermões
E, aprendendo, teu povo ficou mais feliz.

E agora, que alguns séculos são passados,
Já não podem mais chamar-te de inculta
Pois enriqueceste, ó flor, és o nosso ouro.

Dessa árvore muitos frutos foram brotados
Que são a um tempo, esplendor e ternura
Te amamos belo idioma, és nosso tesouro!

A construção histórica da idéia de raça



NINA COSTA

Eu, Irene Cristina dos Santos Costa - Nina Costa, sou mimosense com orgulho, nascida aos 24 de novembro de 1970 no único hospital (Hospital Apóstolo Pedro) de minha pacata e mimosa cidade, Mimoso do Sul, ao extremo sul do Espírito Santo. Filha de João Rita da Costa (trabalhador rural) e Irene dos Santos Costa (mulher guerreira, mãe e provedora de uma turma de doze filhos; a qual fez dessas doze crianças homens e mulheres devem).

Sou mulher negra da cabeça à planta dos pés e minha negritude é minha essência e jeito de ser brasileira; mãe de Pablo e Odilon (duas bênçãos que DEUS me permitiu ter para saber dar valor à vida e querer viver mais e melhor).

Sou educadora com uma caminhada de vinte anos de profissão, aprendendo e ensinando sempre novas lições: de gramática, de literatura, de artes, de amor...Sou política, no sentido pleno que essa palavra pode ter, gosto da arte de fazer política e ela circula em minhas artérias e alimenta o desejo de servir, como uma forma de fazer o bem a meu próximo.

Sou evangélica, cristã e admiro a pessoa que foi, que é e sempre será Jesus Cristo, nELE me espelho e tento ser mais humana.

Sou, desde pequena, uma devoradora de livros, era um "ratinho de biblioteca" das escolas onde estudei (não tinha livros em casa e ficar entre eles na biblioteca na hora do recreio e nas aulas vagas era um prazer,... prazer de sentir o cheiro dos livros antigos e novos também, de passar a mão nas páginas e em cada virada, descobrir mundos novos, novas sensações na leitura, no deleite das gravuras, na textura do papel...) e nesse "devorar" conheci grandes escritores que povoam minha mente e minha fantasia, formando meu gosto pela arte de criar, seja em prosa ou em versos. Na Escola Normal (o equivalente ao Ensino Médio, só que profissionalizante) e na Faculdade, adicionei a esse gosto pelas letras o conhecimento teórico de como melhor escrever e, na convivência com as pessoas, com o mundo e comigo mesma, capturo conteúdo para compor minha arte de amante e amadora das palavras... Sou... não caibo em definições, mas tento, sou aprendiz da arte de seduzir palavras e gerar poemas...

LEITURA

Meu verso atravessou tua retina
Minha rima invadiu teu cérebro
Minha poesia envolveu teu coração
Assim me eternizei em ti
Sou tua cada vez que me lês...

(Irene Cristina dos Santos Costa -
Nina Costa, 04/04/2011)

EMAIL e MSN:
ninamimosul@hotmail.com
TWITTER:
@ninamimosul
FACEBOOK:
<http://www.facebook.com/#!/profile.php?id=100002278274420&sk=info>
BLOG:
<http://irenecristinacosta.blogspot.com>

Segundo os estudos realizados, o tema ora abordado é a diferenciação de raça e racismo, focalizando a questão do racismo dentro das possíveis vertentes que ele se apresenta no decorrer da história e da construção do conhecimento da humanidade até os nossos dias.

O racismo, como fenômeno histórico emergido no Ocidente, tem em uma de suas origens, o debate do Iluminismo sobre a unidade e a diversidade humana e das sociedades no século XVIII. Esse debate se fez a partir da discussão sobre o relativismo e o universalismo.

É nesse momento que se percebe um afastamento mais nítido do debate teológico em prol de uma visão antropocentrista, com a noção de direito natural, ou seja, da ideia de que a pessoa tem direitos inalienáveis dados pela sua própria natureza humana. Porém, “o conceito de raça, tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico, (antes) é carregado de ideologia, (...) e esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação” (MUNANGA, 2003:27). E a este, devem-se incluir no fenômeno não apenas as manifestações mais agressivas e evidentes de intolerância e ódio racial, mas também as situações de racismo implícito ou simbólico.

Partindo do pressuposto de que o campo de debate em torno de raça e o fenômeno do racismo tem muitas vertentes, fontes e desdobramentos.

Uma das concepções sobre raça e racismo defende que a ideia de raça só teria surgido no século XIX, com a noção científica de raça e com o racismo científico, chamado por alguns de racialismo.

Essa posição tende a desconsiderar as concepções de raça presentes no Iluminismo e no tráfico de escravos. Numa abordagem de teórica que traria uma conceitualização “pseudocientífica” do racialismo, no qual diferenças morfológicas (físicas) e hereditárias, tecnicamente mensuráveis, definiam ou assinalavam

as diferenças morais e culturais entre grupos humanos.

Tal teoria de hierarquização racial (biológica) teria justificado as ações coloniais, segregacionistas e/ou de extermínio de populações ditas inferiores, de ódio racial, bem como as políticas antiassimilacionistas e antimiscigenação.

O racismo atual passaria a ser explicado por intermédio de sobrevivências ou persistências de ideias do passado; enquanto fruto da ignorância, o racismo estaria restrito às manifestações mais agressivas: xenofobia, segregação e ódio racial, medo da mistura. O racismo teria origem na idealização de algumas sociedades, grupos e culturas como modelos a serem seguidos e como parâmetro para julgar as demais sociedades. Já a persistência da idéia de raça se valeu ao longo do tempo de argumentos religiosos, biológicos, culturalistas e nacionalistas, muitas vezes entrelaçados para se justificar e continuar intrinsecamente existindo em nosso meio.

O Racismo se fundamenta na tentativa de fazer distinção entre seres humanos animais e estabelecer o critério de humanidade a partir da racionalidade e não mais da presença ou não de alma - que marcou o debate teológico sobre a humanidade dos/as ameríndios/as, por exemplo -, que, ao mesmo tempo, se teoriza sobre a diferenciação interna ao gênero humano. A partir da diversidade de tipos (aparência) e costumes, associados muitas vezes ao ambiente (clima), buscou-se explicar os diferentes tipos de povos do mundo. A partir da diversidade de tipos (aparência) e costumes, associados muitas vezes ao ambiente (clima), buscou-se explicar os diferentes tipos de povos do mundo; ou em outra vertente, o debate entre relativismo e universalismo se deteve na questão da verdade e da posição da civilização europeia em relação às outras sociedades. Daí surgem idéias de soberania de uma raça sobre outra que resultam até mesmo em perseguições e tentativa de extermínio de um povo em relação ao outro, como se observa em relação ao antijudaísmo, de cunho racial e politicamente operativo, distinto do

A construção histórica da idéia de raça

antijudaísmo de caráter exclusivamente religioso, visando a perpetuação de uma raça pura. A ideia de sangue impuro, de transmissão de vícios por intermédio do sangue e da descendência (e mesmo pelo leite de amas judias), deu origem a um protorracismo ocidental e intra-europeu. Embora costume-se distinguir o racismo antisemita de outros racismos, pelo não recurso ao fenótipo (aparência), com a ideia de “sangue” introduz-se a noção de determinismo hereditário, típico do racismo. Com a descoberta das Américas, se impôs um grande golpe às teorias bíblicas do monogenismo, ou seja, a tese da descendência única da humanidade desde Adão. reabriu o campo para o reavivamento das teses sobre a pluralidade da origem humana, que já havia circulado entre pensadores/as medievais, refutando a história do povoamento do mundo até então conhecido pelas linhagens dos filhos de Noé: Jafé (Europa), Sem (Ásia) e Cam ou Ham (África). Aos indígenas foi, ao contrário dos negros (associados a inferioridade, de seres sem alma, portanto, relegados à uma condição de escravos) condição essencial atribuído o conceito de alma (uma lama bárbara, infantil, que carecia ser catequizada), livrando-se do escravismo. Essa diferenciação levou à consolidação da escravidão nas Américas e a associação de “escravo/a” a “negro/a”, foi transformando paulatinamente as percepções dos diferentes tipos humanos. E a escravidão passou a encontrar justificativa na inferioridade dada pela cor, associada à moral e à capacidade intelectual do/a negro/a, aproximada da animalidade. A concepção racial aqui, embora não científica, já instaura uma divisão dentro da humanidade que se hierarquiza pela proximidade de uns /umas, mais que outros/as, ao mundo animal. A qual vai redundar na teoria determinista de Charles Dawin. De acordo com essa teoria, embora a humanidade seja una, as diferenças raciais determinariam as desigualdades na moral (ética), na beleza (estética), na capacidade de progredir (perfectibilidade).

Assim, ganharam força, entretanto, as teorias de degeneração da raça, evidenciadas pelos termos distintos dados ao/à miscigenado/a entre indígena e branco/a – mestiço/a, mameluco/a – e entre negro/a e branco/a: mulato, advindo de mula, ou seja, uma espécie infértil e inferior. Porém, nesse contexto, a escravidão atlântica, bem como na disputa que buscou excluir os/as judeus/ias na Europa, essencializando sua condição diferencial. Logo, o racismo foi forjado no contexto da escravidão atlântica, bem como na disputa que buscou excluir os/as judeus/ias na Europa, essencializando sua condição diferencial para além do pertencimento religioso. A raça pode ter também um significado de linhagem, de origem étnica ou regional, que opõe e mistura qualidades físicas e morais entre povos distintos. As teorias que vieram a ser conhecidas por darwinismo social procuravam uma aplicação no mundo social das teorias darwinistas sobre adaptabilidade, sobrevivência e evolução das espécies. Classe e raça aqui se encontram, do mesmo modo que raça e gênero seriam também indissociados pelas características mentais e psicológicas inferiores atribuídas às mulheres. De acordo com as teorias da época, a Antropologia Evolucionista tinha um caráter mais especulativo do que metódico e pensava as “sociedades primitivas” como estágios evolutivos inferiores do desenvolvimento das civilizações, tomado como um processo universal. As civilizações, de forma semelhante às raças, eram organizadas numa escala evolutiva linear, na qual a civilização ocidental estaria evidentemente no topo da civilização e as então chamadas “sociedades primitivas”, na “infância da humanidade”. Seus costumes eram entendidos como “testemunhas do passado”, costumes que os povos civilizados teriam abandonado ao longo da sua marcha

NINA COSTA A construção histórica da ideia de raça

civilizatória. As sociedades foram então reduzidas a três estágios civilizatórios: primitivismo, barbárie e civilização. Esses/as antropólogos/as, entre os quais têm destaque James Frazer, Maine, Edward Tylor e Lewis Morgan, buscavam especular sobre as origens das instituições sociais – religiosas, jurídicas, da família, do direito etc. Os estudos dos povos primitivos poderiam lançar luz sobre o remoto passado europeu.

Os Evolucionistas procuravam por meio da distância espacial – busca de povos longínquos ou remotos – conhecer o que estava distante, no tempo, da história europeia.

Presumindo a unidade do gênero humano e interpretando as diferenças culturais como etapas diferentes da evolução inevitável da humanidade, rumo à civilização já alcançada pelos povos europeus, os evolucionistas culturais davam muito menos ênfase às teorias raciológicas. A conquista colonial, assim, era perfeitamente justificável pela missão civilizadora realizada pelos/as europeus/eias, dominando povos inferiores e levando-os ao progresso. Note-se que, nessa perspectiva, os determinismos raciais são minimizados, pois a expansão da civilização cedo ou tarde faria progredir todos os povos de todas as raças sob o comando do Ocidente. No momento em que a Antropologia social ou cultural afastava-se do conceito de raça no estudo das sociedades, assistia-se ao surgimento do nazismo e das ações políticas de segregação e extermínio baseadas na raça. Ao final da II Guerra Mundial, os/as intelectuais engajados/as se viram obrigados/as a um esforço mais sistemático de divulgação científica para a superação definitiva da ideia de raça que, embora quase desaparecida do centro do debate científico, entrara com toda a força na esfera da política e da sociedade. No final da II Guerra Mundial assistiu à transformação que mudou a face política mundial do século XX. Trata-se da ascensão à independência dos países asiáticos e

africanos.

A descolonização foi o processo histórico e político, que se traduziu na obtenção gradativa da independência das colônias europeias situadas na Ásia e na África.

A conquista das independências se processou por duas formas, por vezes combinadas. Uma, pela política de concessões de autonomia, que se deu de forma sucessiva e em crescentes etapas, segundo a potência colonizadora e, sobretudo, a especificidade de cada colônia. Outra, pelas lutas de independência, por meio de greves, revoltas e movimentos clandestinos, algumas desembocando em guerras anticoloniais. A ideologia pan-africanista surgiu de um sentimento de solidariedade e consciência de uma origem comum entre os/as negros/as das Antilhas e dos Estados Unidos, envolvidos numa luta semelhante contra a violenta segregação racial que sofriam. Essa solidariedade difusa data da segunda metade do século XIX sem que, no entanto, tenha tido uma organização política continental, permanecendo o combate ao racismo ligado à especificidade de cada país americano. Du Bois foi o primeiro pan-africanista a expressar a convicção de que a unidade de luta dos/das negros/as americanos/as e antilhanos/as com os/as africanos/as deveria basear-se na compreensão de que a dominação que sofriam tinha uma mesma raiz: o capitalismo.

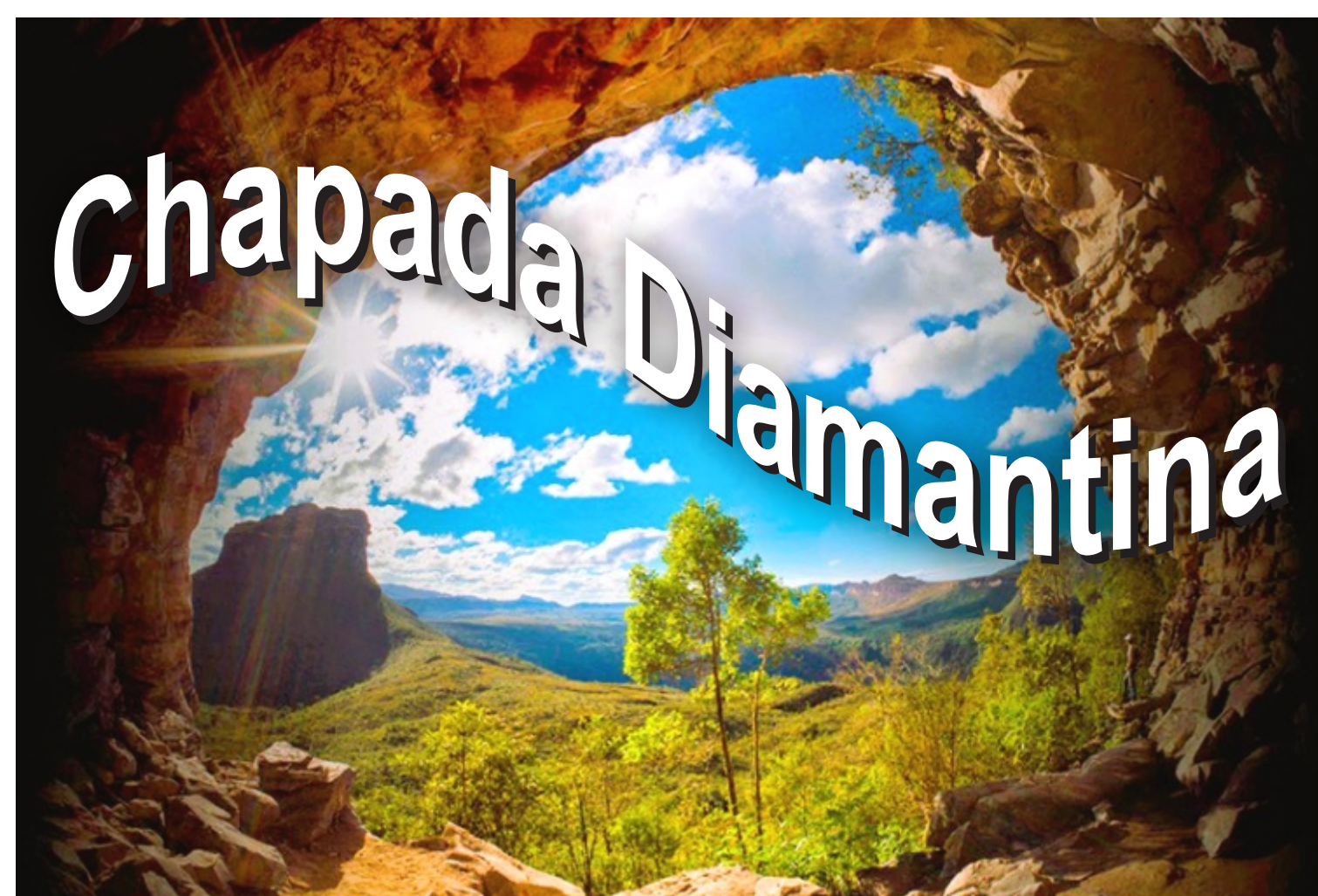
“Objetivamente, a negritude é um fato: uma cultura. É o conjunto dos valores - econômicos e políticos, intelectuais e morais, artísticos e sociais - não somente dos povos da África Negra, mas também das minorias negras da América e, inclusive, da Ásia e Oceania (...). É, em suma, a tarefa a que se propuseram os militantes da negritude: assumir os valores da civilização do mundo negro, atualizá-los e fecundá-los, quando necessário com as contribuições estrangeiras, para vivê-los em si e para si, mas

também para fazê-los viver por e para os Outros, levando assim a contribuição de novos Negros à Civilização do Universal” (SENGHOR, 1972:15).

Assim, tomando por base os conhecimentos ora adquiridos sobre as várias vertentes do racismo no desenrolar da história da humanidade, pode-se observar que ele está intrinsecamente ligado nas relações de poder ainda vigentes e se perpetua num racismo simbólico, porém em alguns casos não muito disfarçado e aparece na criação de estereótipos caracterizado no humor, nas propagandas veiculadas pela mídia e muitas vezes é reproduzido nas nossas relações comuns.

Eu, enquanto pessoa pública, gestora de minha sala de aula, gestora de um órgão que está lutando para se concretizar (Academia de letras de Mimoso do Sul e Artes), da minha vida pessoal e e política, sendo na pele os efeitos desse racismo, uma vez que sou uma cidadã negra e trago sobre mim o estigma da ideologia colonialista se hierarquia de uma raça sobre a outra, no caso, da inferioridade dos negros em relação ao branco. Isso apesar de velado em alguns casos, ainda é fato e eu luto contra isso evidenciando algo em mim que é marcante e me foi dado por DEUS, que é, sem falsa modéstia, uma capacidade reflexiva regular, uma desinibição peculiar e uma boa oratória, o que me coloca em destaque onde quer que eu precise me apresentar, já que segundo os critérios racistas, a natureza me privou de beleza (não sou loira, de olhos azuis, nem esbelta) da força masculina e da condição social da classe dominante (elite branca). Em relação ao tema desenvolvido nesta unidade, ocorre-me ser bastante autêntica dentro dos vários contextos de minha atuação (enquanto mãe, professora, poetisa, política, cidadã mimosense) no que se refere à minha negritude e ao meu lugar na sociedade.

Nina Costa.



Chapada Diamantina



INESQUECÍVEL